

Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica

MARIA ORLANDA PINASSI

São Paulo: Boitempo editorial, 2009, 140p.

*Marcos Del Roio**

O livro de Maria Orlanda Pinassi é parte da tese de livre-docência em Sociologia, que apresentou na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, *campus* de Araraquara. Composto por um feixe de 11 pequenos ensaios, que articulam um leque de problemas essenciais para a crítica do mundo existente, usa uma linguagem apaixonada, expressiva e acessível, mas sem fazer concessões ao senso comum e à vulgarização. Na sua trajetória, Pinassi se faz acompanhar de Marx, Lukács e Mészáros, autores que oferecem toda coerência da análise proposta no livro. Com esses autores, Pinassi analisa a visão de mundo da burguesia desde a sua fase ascensional, como classe vitoriosa, em condições de organizar o conjunto da vida social segundo seus interesses e concepções até a gravíssima crise estrutural em que o capital está hoje embrenhado.

Nessa avaliação de longo prazo do mundo burguês, Pinassi mostra como civilização e barbárie convivem contraditoriamente no processo social de acumulação do capital, e como as representações ideológicas expressam essa dialética. A burguesia foi a grande beneficiária do pensamento liberal, da laicização da vida política e econômica. Com isso, apareceu como classe revolucionária, vencedora do obscurantismo clerical-feudal. No entanto, consolidado o seu poder, a burguesia se garante ideológica e culturalmente com a reprodução da ordem segundo

* Professor na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, *campus* de Marília.

seus interesses, segundo os interesses da acumulação. Assim é que se apresenta a decadência ideológica, ou seja, a incapacidade de criticar o seu próprio mundo, cujo resultado é então uma ciência e ideologia apologéticas da ordem existente e condescendente com a barbárie que o movimento do capital engendra e potencializa. O instrumento metodológico possível para seguir esse caminho a burguesia e seus intelectuais encontram no ecletismo.

A alternativa que se apresenta ao poder burguês, mormente nos períodos de crise, é a exacerbação do irracionalismo, quando o senso comum e os intelectuais se rendem a formas alienadas e fetichizadas de pensamento e de ser. A análise de Lukács conduz a autora na demonstração do fascismo como expressão funda do irracionalismo. Mais ainda, na conjuntura da Guerra Fria, Lukács indica como nos EUA, no ponto forte da riqueza acumulada do capital, aparece uma sorte de fascismo democrático.

A tese forte e polêmica, nesse contexto, é que o mundo atual coloca em correlação a decadência ideológica com a decadência estrutural, material, do capital em processo. Com isso, além de formas de pensamento, de ideologias, alienadas e alienantes, a própria materialidade do mundo se faz bárbara e irracional, devastadora do mundo dos homens e do processo de humanização. Decadência ideológica e decadência histórica enfim se encontram, se reconciliam na regressão do processo de humanização. A contradição entre civilização e barbárie se radicaliza. A civilização só é possível agora no rumo do socialismo e da liberdade, a barbárie é certa e profunda com a universalização do capital em crise.

Como se chegou a essa situação? Pinassi recorda passagens cruciais no processo de humanização, de civilização, a começar pela luta pela emancipação política (pela liberdade de cidade) e pela liberdade de comércio. Do Renascimento, com a luta pela liberdade de pesquisa e de expressão, passando pela Revolução Francesa, a liberdade liberal veio a se mostrar, mas também a sua contradição intrínseca de encontrar no semelhante o limite da liberdade, porquanto liberdade fundada na propriedade privada. Dessa contradição em processo é que surgem as explosões de barbárie e irracionalismo.

A universalização do capital em crise, por sua própria lógica, tende a universalizar a barbárie. Mas também da sua contradição constitutiva surgem movimentos sociais com potencial de negação radical da ordem. Seguindo a argumentação desenvolvida por Istvan Meszaros em sua vasta e profícua obra, Pinassi se debruça sobre alguns desses movimentos para buscar elementos e possibilidades de uma negatividade radical. Recorda que aquilo que hoje se entende por movimentos sociais são formas de luta coletiva que surgiram nos anos 1970, envolvendo vários segmentos.

O surgimento dos movimentos sociais ocorre em concomitância com a crise estrutural do capital e a correlata crise do movimento operário de caráter fordista. O desemprego estrutural crescente é característica da crise do capital e elemento de dissolução do movimento operário tradicional, que dramaticamente cede lu-

gar, não mais a um exército industrial de reserva, mas a um gigantesco exército de trabalhadores expropriados da condição de trabalho. O viés economicista do movimento operário se manifestava na sua institucionalidade dupla articulada em sindicato e partido. Ambos os fenômenos – o desemprego estrutural e a crise institucional e ideológica do movimento operário clássico –, partes da mesma totalidade contraditória, são semeadores de terreno fértil para o surgimento de movimentos sociais.

Nesse começo de século XXI, são precisamente os movimentos sociais, com sua formação compósita, fluida e diversificada, os depositários das esperanças de continuidade e refundação das lutas pela emancipação humana. Os movimentos sociais podem ser de caráter específico, ou seja, lutar por uma questão específica, ou podem ter um caráter marcadamente identitário, ou ainda lutar estritamente dentro da ordem ao enfatizar o tema do direito. Assim, os movimentos podem lutar pela emancipação feminina, pelo resgate de uma identidade cultural, pelo acesso a água etc. Mas há movimentos que contemplam a universalidade do gênero humano, momento em que se apresenta como parcela de uma classe de caráter internacional, franja de um proletariado global em construção.

Maria Orlanda Pinassi toma o caso do MST como objeto de estudo de um caso no qual está presente, ao menos em embrião, a radicalidade negativa da ordem sociometabólica do capital, para usar expressão consagrada por Mészáros. O MST pode ser um bom exemplo de movimento social que dilui o dualismo sindicato/partido, próprio do movimento operário, mantém-se afastado da esfera da representação política e contrasta o direito burguês de propriedade privada. Mesmo partindo de uma articulação particular, qual seja a luta pela terra, contempla a perspectiva universal ao propor a aliança dos povos dominados. A força do MST e o seu potencial de se realizar como franja de um proletariado global em luta está precisamente em preservar a centralidade do trabalho na sua organização e nas suas formas de luta.

Um ponto de destaque dentro do MST é a luta das mulheres contra o patriarcalismo e pela defesa do meio ambiente, no que se insere a luta contra a monocultura, que teima em reviver no Brasil. No empenho pela transformação social, o papel das mulheres é essencial não só no MST, mas cria condições também de ampliar a luta para outras mulheres trabalhadoras, ocupadas em outras atividades.

Ainda que fazendo tesouro de sua autonomia e de seu potencial antagônico à ordem do capital, o MST precisa se relacionar com o Estado e com a classe dominante. A tendência a “criminalizar” os movimentos sociais tem-se acentuado no Brasil e a vítima principal de ações judiciais e campanhas ideológicas dos meios de comunicação é o MST. Pinassi mostra como a criminalização em verdade surge com a época burguesa, a sua louvação ao trabalho perpétuo e à propriedade privada. Exatamente na época da acumulação primitiva do capital, quando o roubo e a espoliação foram a regra, forjou-se a noção de crime e de direito a fim de encobrir a ascensão e consolidação de uma nova classe no poder político e social.

A igualdade jurídica diante do Estado, as leis sociais e as leis de defesa da propriedade foram cruciais para legitimar o domínio burguês. Acontece, porém, que na época da decadência estrutural do capital, da sua correlata decadência ideológica, o capital, a exemplo dos tempos da acumulação primitiva, se reconcilia com o crime, como mostram as inúmeras associações criminosas envolvendo empresas, burocracias e governos, além da difusa criminalidade postada na sociedade civil, a única a concentrar seletivas ações de repressão estatal. O crime é uma questão de classe e é essencial ao capital: eis a tese defendida por Pinassi em ensaio saboroso.

Por fim, a autora, sempre inspirada em Mészáros e referindo-se a Hegel e Marx, aborda o complexo problema da educação, da prática pedagógica, em tempos de crise dos sujeitos coletivos e de crise da universidade. Estimula, então, a autoatividade dos estudantes, como aprecia uma prática pedagógica que seja nítida do ponto de vista ideológico, a fim de que possa cumprir com clareza o trabalho de desmistificar o aparato conceitual apologético e vazio do discurso dominante. O sucesso desse trabalho educativo ocorre quando o educando contorna o possível niilismo e se coloca socialmente de modo crítico e ativo.

Temos, então, nesse pequeno livro de Maria Orlanda Pinassi, uma quantidade significativa de problemas que devem ainda ser aprofundados e desenvolvidos. Essa percepção é oferecida pelas interrogações que restam ao leitor depois de cada capítulo, mas a razão de um livro composto por ensaios não é exatamente o de instigar, de propor problemas e de fazer pensar? Trata-se de um livro militante, produto de uma experiência militante e que ajudará na reflexão e autoeducação de militantes de todos os tipos, desde que postados à esquerda.

DEL ROIO, Marcos. Resenha de: PINASSI, Maria Orlanda. Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica. São Paulo, Boitempo Editorial, 2009, 140p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.138-141.

Palavras-chave: Capital; Crise; Burguesia.